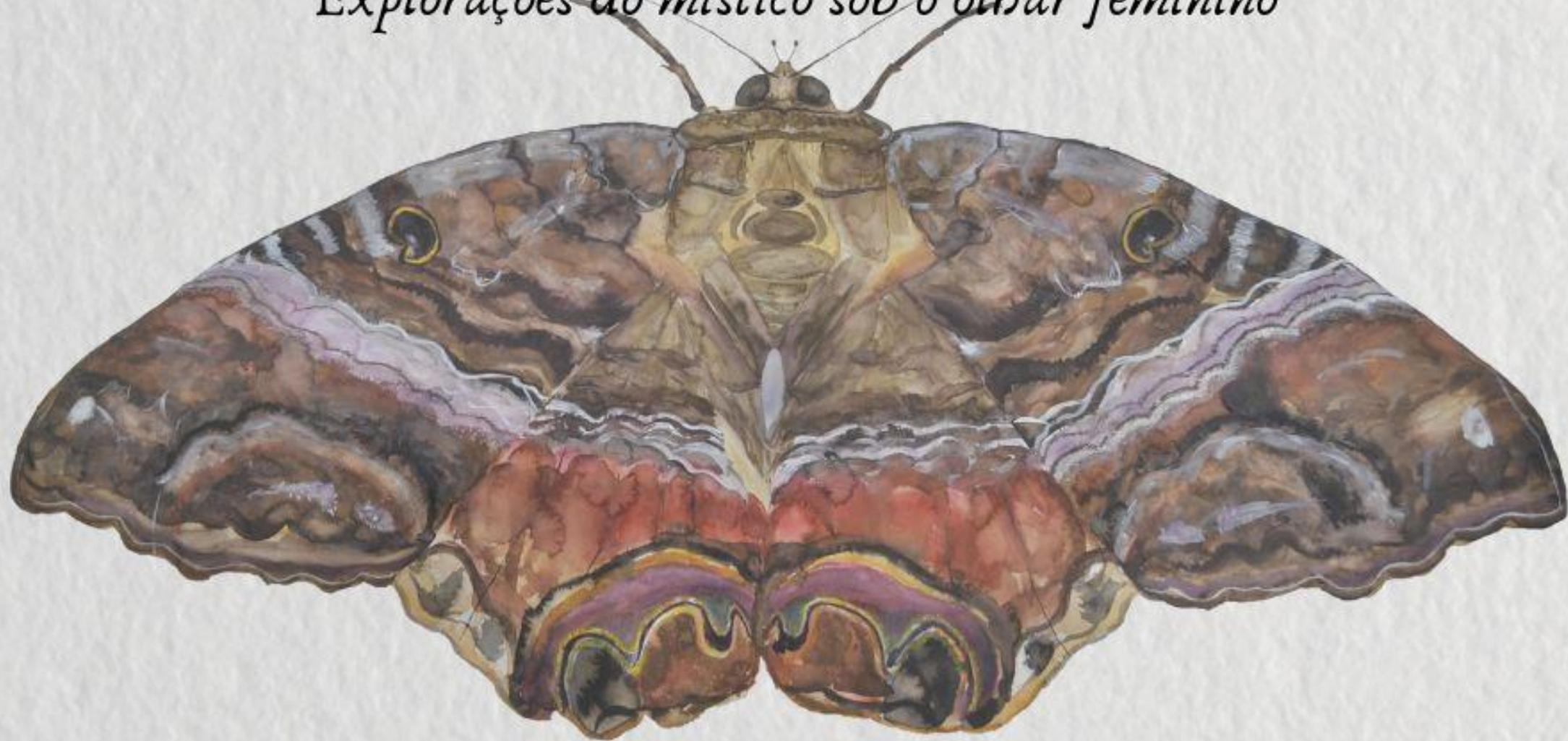


O SONHO E A NATUREZA

Explorações do místico sob o olhar feminino



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

O SONHO E A NATUREZA
Explorações do místico sob o olhar feminino

Milena Castro de Oliveira

Orientadora:

Prof^ª. Dr^ª. Jéssica Becker

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Laura Castilhos

Prof^ª.Dr^ª. Lilian Maus

Porto Alegre, abril de 2023

Milena Castro de Oliveira

O SONHO E A NATUREZA

Explorações do místico sob o olhar feminino

Trabalho de conclusão do curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Artes Visuais do Curso de Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS.

Orientadora:

Prof^ª. Dr^ª. Jéssica Becker

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Laura Castilhos

Prof^ª.Dr^ª. Lilian Maus

Porto Alegre

Abril de 2023

CIP - Catalogação na Publicação

Oliveira, Milena Castro

O Sonho e a Natureza: Explorações do místico sob o
olhar feminino / Milena Castro Oliveira. -- 2023.

60 f.

Orientadora: Jéssica Becker.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS,
2023.

1. Sonho e inconsciente. 2. Natureza e misticismo .
I. Becker, Jéssica, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, à natureza e à magia que me inspiram a criar. À professora Jéssica, que foi uma orientadora paciente e empolgada, sempre me dizendo que esta pesquisa era possível. Aos colegas de curso Alex, Dantara, Erika, Evelyn, Lucas e Victor, pelas trocas e companhia para os almoços no RU e exposições. A minha coordenadora Tati, colegas e pacientes pelos aprendizados no estágio na Oficina de Criatividade que levarei para a vida. Aos meus amigos, em especial a Franciele por sempre estar por perto, mesmo à distância. Ao Henrique por me ajudar a chegar em terra firme, me trazendo para a realidade em diversos momentos, entre escuta e companheirismo.

Agradeço aos meus pais Márcia e Nilson, por todo amor, carinho, apoio sobre minhas decisões, e conversas que são ensinamentos que levo para a vida, vejo muito deles em mim. A Nelaine, Murilo, Martin e Júlia, por fazerem parte da minha vida. E ao meu avô e tio pelos momentos juntos, que mesmo que façam anos, ainda os vejo em meus sonhos.

RESUMO

Este trabalho dialoga sobre minha trajetória ao longo do curso de Artes Visuais, até o referente trabalho de finalização, as obras apresentadas são: o livro de artista, a série de pinturas em acrílica e a série de aquarelas. Os trabalhos confeccionados, conversam entre si e investigam questões sobre o inconsciente, e a conexão das mulheres com a natureza, que são chamadas de bruxas, também é falado sobre o movimento Surrealista exaltando as artistas mulheres, deixadas de lado pela história. E traz a visão da artista-pesquisadora, que explora suas próprias vivências realizado sob um olhar místico, no texto é relatado todo o processo artístico dos trabalhos apresentados.

Palavras-chave: Sonho. Surrealismo feminino. Conexão com a natureza. Livro de artista. Aquarela.

“Então com ternura aceitou estar no mistério de ser viva.”

Clarice Lispector

LISTA DE IMAGENS

- Figura. 1. Milena Castro. '*Baba Yaga*'. Série '*Entre vivências e olhares do ser bruxa*'. 2022. Aquarela sobre papel. 29,7 x 21 cm. 11
- Figura. 2. Milena Castro. '*Pamela Smith*'. Série '*Entre vivências e olhares do ser bruxa*'. 2022. Pigmentos naturais sobre papel. 29,7 x 21 cm. 12
- Figura. 3. Processo de secagem do papel reciclado. 2022. 16
- Figura. 4. Ieve Holthausen; Náila Andrade. '*Mandala Lunar*'. 2021. 17
- Figura. 5. Milena Castro. '*Sem título*'. 2022. Papéis, tecido, linha, folha e flores. 12 x 17 cm. 18
- Figura. 6. Frida Kahlo. '*O diário de Frida Kahlo*'. 1944 - 54. 19
- Figura. 7. Frida Kahlo. '*O diário de Frida Kahlo*'. 1944 - 54. 19
- Figura. 8. Milena Castro. '*Sem título*'. 2022. Papéis, tecido, aquarela, nanquim, linha, folha e flores. 12 x 17 cm. 20
- Figura. 9. Pedro Reyes. '*Hypnopedia*'. 2022. 22
- Figura. 10. Leonora Carrington. '*La Posada del Caballo del Alba*'. 1938. Óleo sobre tela. 63 x 81,3 cm. 23

Figura. 11. Remedios Varo. <i>'Papilla Estelar'</i> . 1958. Óleo sobre masonite. 92 x 62 cm.	24
Figura. 12. Frida Kahlo. <i>'El sueño o La cama voladora'</i> . 1940. Óleo sobre tela 73 x 98 cm.	25
Figura. 13. Henry Fuseli. <i>'The nightmare'</i> . 1781. Óleo sobre tela. 101,6 cm x 127 cm.	26
Figura. 14. Milena Castro. <i>'Paralisia do sono'</i> . 2018. Acrílica sobre tela. 40 x 30 cm.	27
Figura. 15. Milena Castro. <i>'Esconde-esconde'</i> . Série <i>'Vivências do Inconsciente'</i> . 2022. Acrílica sobre tela. 20 x 30 cm.	28
Figura. 16. Milena Castro. <i>'Ferida'</i> . Série <i>'Vivências do Inconsciente'</i> . 2022. Acrílica sobre tela. 30 x 20 cm.	29
Figura. 17. Toshizo Nakane. <i>'Casal na Porteira'</i> . Óleo sobre tela.	30
Figura. 18. Milena Castro. <i>'Chá da tarde'</i> . 2018. Acrílica sobre tela. 65 x 67 cm.	31
Figura. 19. Milena Castro. <i>'Chá da tarde II'</i> . Série <i>'Vivências do Inconsciente'</i> . 2022. Acrílica sobre tela. 20 x 30 cm.	31
Figura. 20. Milena Castro. <i>Sem título</i> . 2018. Nanquim sobre papel. 66 x 96 cm.	34
Figura. 21. Hermann Rorschach. <i>'Teste de Rorschach'</i> .	34
Figura. 22. Milena Castro. Série: <i>'Naturezas aguadas'</i> . <i>'Flamboiã'</i> . 2022. Aquarela sobre papel. 200 x 153 cm.	35

- Figura. 23. Margaret Mee. '*Flor da lua*'. Aquarela sobre papel. 36
- Figura. 24. Milena Castro. '*Libélula*'. 2019. Aquarela sobre papel. 29,7 x 42 cm. 37
- Figura. 25. Milena Castro. Série: '*Naturezas aguadas*'. '*Capuchinha*'. 2022. Aquarela sobre papel. 180 x 153 cm. 37
- Figura. 26. Milena Castro. Série: '*Naturezas aguadas*'. '*Mangangava*'. 2022. Aquarela sobre papel. 153 x 180 cm. 38
- Figura. 27. Milena Castro. Série: '*Naturezas aguadas*'. '*Bruxa*'. 2023. Aquarela sobre papel. 105 x 153 cm. 39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I. A Bruxa	14
1.1. O livro no seu exterior: confecção da materialidade	18
1.2. O livro no seu interior: anotações e rascunhos	20
Clique aqui para acessar conteúdo desta obra.	23
CAPÍTULO II. Vivências do Inconsciente	24
2.1. Mulheres no Surrealismo	26
2.2. Relatos sobre o místico nas pinturas	29
CAPÍTULO III. A natureza e a magia	35
3.1. A aguada e suas manchas	36
CONCLUSÃO	43
BIBLIOGRAFIA	44

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa explora, através da arte, elementos da natureza e suas representações, conectadas a uma visão mística e ao olhar de mulheres. Foram utilizados signos e símbolos, bem como os conceitos de inconsciente e de intuição através de um processo de investigação dos sonhos e das sensações. Nisto, este estudo trata das experiências e reflexões a respeito do cotidiano da autora-artista, realizado através de um livro de artista, da série *Vivências do inconsciente* onde foram criadas pinturas em acrílica sobre tela e retratando sonhos pela pintura em aquarela. Também foram realizados trabalhos com tinta acrílica, confecção de papel e de encadernação elaborados com materiais coletados e preparados pela autora, como folhas e flores.

O objetivo geral desta pesquisa é a exploração da intuição, adentrando a mata fechada do inconsciente, tendo como procedimento base a anotação diária, em um livro de artista, de confecção própria, preenchido de forma espontânea, de intervenções, contos a respeito dos sonhos, armazenando flores e folhas, misturando aquarelas e desenhos, da artista. O livro de artista consiste em uma obra artesanal, que se distingue de um livro comercial quanto a sua produção e comercialização, focando na expressão do artista (Souza, 2009).

A pesquisa se divide em três capítulos, iniciando pelas relações da artista-bruxa e como impactam na construção do livro de artista aqui apresentado; após se adentra sobre o inconsciente e as representações dos sonhos através da pintura acrílica; e finaliza-se com a importância da natureza e seus elementos para a aquarela e aguada com a série *Naturezas aguadas*. O primeiro capítulo intitulado *A bruxa* aborda questões relacionadas ao feminino, suas conexões com a natureza e o processo de inquisição sofrido pelas mulheres. Federici (2004) desenvolve a ideia de que as mulheres tinham os conhecimentos sobre como funcionava a natureza, e por esse motivo e em busca de controle sobre seus corpos, elas foram acusadas por bruxaria, embora hoje haja aspectos a serem evoluídos pela sociedade, por exemplo uma maior igualdade de direitos, muito mudou. Uma das artistas abordadas neste capítulo é Frida Kahlo, a qual foi escolhida por conta de sua expressão mais livre em seu diário, onde não tem uma preocupação com os aspectos de escrita e estética, apenas expressando o que de forma rápida.

O segundo capítulo intitulado *Vivências do Inconsciente*, traz a importância do inconsciente e dos sonhos como um resgate da psique humana. Ribeiro (2019) relata que na antiguidade os sonhos exerciam um papel primordial para as pessoas, que os explicavam com elementos de sua história e cultura, mas que com o passar do tempo a importância atribuída ao sonhar foi perdida. Como referencial artístico deste capítulo, se utilizou o Surrealismo, que foi um movimento no qual os artistas trabalhavam o inconsciente em suas obras (Arcq, 2015). O enfoque deste capítulo foi direcionado às mulheres artistas, como Leonora Carrington, Remedios Varo e Frida Kahlo. Evidenciando Carrington, que abordou em seus trabalhos como em entrevistas as mulheres serem vistas de maneira idealizada e objetificada, não havendo um espaço respeitoso para existirem de maneira atuante como artistas (Carrington, 1993).

O terceiro capítulo chamado de *A natureza e magia*, trata sobre o uso da magia como explicação do que não era compreendido na antiguidade e como isso foi substituído com o avanço da ciência ao explicar os fenômenos. Jung (1964) discorre sobre essa desconexão do homem com os elementos naturais, ao também abordar o pensamento de dominação e separação da humanidade com a natureza. Margaret Mee foi escolhida por valorizar os elementos da natureza e sua importância no trabalho artístico. Essa artista trabalhava com a aquarela botânica e realizava expedições para buscar novos elementos da flora para retratar em seus trabalhos.

CAPÍTULO I. A Bruxa

Fui a criança que observou e explorou o pequeno universo do pátio dos pais e avô; uma criança que trazia para dentro de casa elementos naturais encontrados, como pedras, folhas, sementes, penas e etc, e os guardava dentro de caixas e livros como pequenos tesouros mágicos.

As criações desta criança partem dessas explorações, somados às lendas e histórias contadas, literatura e cinema. Algumas referências que são agregadas às criações surgem de meios ficcionais criados pelas franquias *Bruxa Onilda*, *Harry Potter* e *Senhor dos Anéis*: universos cheios de fantasia que expandiram minha inclinação pela temática mágica.

Em 2017, iniciei o curso de Licenciatura em Artes Visuais que, no decorrer das experiências, inclinei-me ao curso de Bacharelado em Artes Visuais, na pretensão de experienciar um maior contato com as práticas da arte. Desta forma, inicialmente, de forma inconsciente, segui minha pesquisa a partir de meus interesses pela natureza, bruxaria, tarô, astrologia e sonhos, que ao transcorrer



Fig. 1. Milena Castro. 'Baba Yaga'. Série 'Entre vivências e olhares do ser bruxa'. 2022
Aquarela sobre papel. 29,7 x 21 cm

do tempo foram sendo desenvolvidos além da abordagem em poéticas da arte, se tornaram práticas do meu cotidiano.

No ano de 2022, fiz a cadeira de Atelier de Desenho II, ministrada pela docente Jéssica Becker, onde idealizei e concebi a

série de ilustrações *Entre Vivências e Olhares do ser Bruxa*. Nesta série, exploro o arquétipo da mulher-bruxa e seus mistérios, na qual esse ser de espírito livre é citado e referenciado pelas lendas, mas principalmente pelas histórias reais das mais diferentes culturas: por vezes reverenciadas, e em outras temidas.

No desenrolar desta investigação, percebi o quanto seria benéfico ao trabalho realizá-lo utilizando não somente a aquarela industrializada, mas também ervas, flores e temperos e diversos outros materiais orgânicos preparados por mim, uma vez que já conhecia certas plantas e seus atributos, devido às experiências próprias no manuseio cotidiano, como confecção de incensos naturais.

Meus primeiros questionamentos e interesses nascem da discussão a respeito do arquétipo da bruxa. Para isso, é necessário falar brevemente sobre o período da Inquisição. Iniciada na segunda metade do século XII, perdurando até a primeira metade do século XVIII, a Inquisição foi um período onde milhares de mulheres foram processadas, condenadas, perseguidas e mortas pelo crime de bruxaria. As condenações em sua maioria, eram de mulheres que mantinham uma conexão com o seu lado selvagem e místico, que, por viverem em meio a natureza, este é o motivo de seu amplo conhecimento sobre estas artes cotidianas do seu ambiente de vida.



Fig. 2. Milena Castro. 'Pamela Smith'. Série 'Entre vivências e olhares do ser bruxa'. 2022
Pigmentos naturais sobre papel. 29,7 x 21 cm

Assim, foram negativamente consideradas bruxas, quando, na realidade, hoje é sabido que se tratavam de curandeiras, parteiras, videntes e carpideiras.

Por outro lado, diversas eram as figuras predominantemente masculinas de alquimistas, astrólogos e magos que tinham o direito de praticar suas atribuições normalmente. A intolerância religiosa

sobre os conhecimentos dessas mulheres provocaram medo e aversão da população, relacionando ritos pagãos, sexualidade feminina, aborto e impotência masculina, por exemplo, com a figura do próprio diabo, ou a qualquer outra instituição reprovada pela igreja, conforme os dados levantados por Silvia Federici:

[...] mais de 80% das pessoas julgadas e executadas na Europa, nos séculos XVI e XVII pelo crime de bruxaria, foram mulheres. De fato, mais mulheres foram perseguidas por bruxaria neste período do que por qualquer outro crime [...]. (FEDERICI, 2004, p. 328)

Com o passar dos séculos, a época da Inquisição deixou de existir quando a ciência se destacou, explicando e conceituando diversos fenômenos. Cada vez mais, a humanidade dirigiu sua linha de pensamento ao racional, ao passo que o sistema capitalista se integrou, e um dos objetivos centrais da população passou a ser a produção. As mulheres foram perdendo diversos antigos saberes, passaram a ser parte da mão de obra, tendo seus corpos e mentes explorados pelo sistema, usadas tão somente para trabalhar. Reflexo disso, foi a redução da procura por serviços de parteiras e

curandeiras, e a população começou a buscar por médicos regularmente considerados pelo sistema.

Conforme a psicóloga Clarissa Pinkola Estés comenta em seu livro, a humanidade se afastou do seu lado selvagem, deixando todo o inconsciente e intuitivo oculto e pouco explorado: “a mulher moderna é um borrão de atividade. Ela sofre pressões no sentido de ser tudo para todos. A velha sabedoria há muito não se manifesta.” (ESTÉS, 2018 p.7)

Levando em consideração o que se pensa a respeito das mudanças em como a humanidade tratava a natureza, tomando a posição de exploradores e utilizando recursos naturais sem pensar no impacto gerado para o planeta, as pessoas não se colocam e ou se consideram mais como parte da natureza. A escritora feminista Rose Muraro comenta sobre essa falta de conexão com o selvagem: “Quando o homem começa a dominar a natureza, ele começa a se separar dessa mesma natureza em que até então vivia imerso.” (MURARO, 1993, p. 8).

As lendas sobre bruxas se popularizaram no mundo inteiro; popularizaram-se contos nos quais a figura da bruxa é bastante comum nos dias atuais. Essas lendas facilitaram a instauração do arquétipo da bruxa, vista como alma selvagem e livre; com a

sabedoria sobre a manipulação da natureza, poderiam ser boas ou perversas, mas sempre na figura feminina.

Conforme o historiador Jeffrey B. Russel e o escritor Brooks Alexander:

Os contos populares a respeito de bruxaria e feitiçaria refletem geralmente o medo dos feiticeiros e certo sentimento, ou reconhecimento, do poder deles. A “bruxa” das histórias populares é basicamente uma feiticeira (raras vezes acusações derivadas da caça às bruxas fazem parte de contos populares). Ela está intimamente associada aos poderes da natureza, e tem muitos dos atributos conferidos a um espírito da natureza. Está próxima das “mulheres selvagens” do folclore, que representam a rusticidade agreste da natureza em contraste com o mundo da humanidade civilizada [...]. As histórias populares, assim como os sonhos, expressam as preocupações do inconsciente em símbolos; o significado da Figura da bruxa, como o de qualquer símbolo, varia com a história. Geralmente, porém, ela representa uma força natural elementar detentora de enormes e inesperados poderes contra os quais uma pessoa normal é incapaz de se preparar ou defender. (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, p. 62-3)

A partir destes e outros questionamentos sobre a figura da mulher e da bruxa, trazendo minhas próprias vivências, como uma mulher que vive na era contemporânea, busco reflexões e conexões passadas perdidas. Dou seguimento a esta pesquisa, como uma forma de descobrir em mim e através de quem ou o que me cerca desenvolver este trabalho em questão.

1.1. O livro no seu exterior: confecção da materialidade

No meu fazer artístico, senti a necessidade de criar um livro de anotações: um livro para despejar sonhos, pensamentos, desenhos - um livro de artista, que também pode ser diário, grimório e herbário. Pensando na prática da manualidade, e na ideia de guardar preciosidades, a fim de um dia poder voltar como lembrança para essas vivências, temos um livro de estudos e vivências. Foi inspirado pelos meus livros e cadernos, onde o ato simples de folhear as páginas despertasse a possibilidade de ver novas perspectivas.

A confecção do livro em sua materialidade completa, tem a importância quanto ao intuito de escolha de soluções para a criação do livro de artista de forma completa, e a sua diferença dos livros habituais. O livro de artista não se aproxima apenas de uma tela em branco pronta para ser pintada, mas também das formas que se apresenta como uma escultura.

Em 1982, na revista *Arte em São Paulo* o artista Julio Plaza, publicou o ensaio *O livro como forma de arte (I)*, onde faz uma análise sobre livros de artista:

O “livro de artista” é criado como um objeto de design, visto que o autor se preocupa tanto com o “conteúdo” quanto com a forma e faz desta uma forma-significante. Enquanto o autor de textos tem uma atitude passiva em relação ao livro, o artista de livros tem uma atitude ativa, já que ele é responsável pelo processo total de produção [...] (sem paginação)

Me propus a fazer o livro de forma completa, diferente de todos os diários e cadernos nos quais escrevi, todos comprados e feitos industrialmente. Este foi inteiramente concebido por mim; assim me senti mais próxima e apegada antes mesmo do ato de seu preenchimento.

Uma marca do processo foi a escolha de utilizar folhas de meus antigos cadernos de escola, com a intenção de ressignificar memórias, trabalhando com um papel no qual já me expressei, dando uma nova utilização para anotações da adolescência, repletas de lembranças.

Os antigos cadernos passaram por um processo de transformação, sendo rasgados, colocados de molho na água, para no outro dia serem processados no liquidificador, e esta mistura formada fundida com ervas secas. Estas foram adicionadas no processo de reciclagem das folhas.

As ervas que o compõem foram recolhidas e postas para secagem por mim, sendo lavanda, alecrim, capuchinha e macela, cuja escolha de cada uma foi feita a partir de seus cheiros, propriedades, formas e cores. Os livros não servem apenas para serem lidos, no livro confeccionado para esta pesquisa, as ervas ativam o sentido do olfato, além da visão e tato. A professora Márcia Sousa comenta

Quando o artista Julio Plaza (1982) coloca que os livros são não só objetos de linguagem, mas também “matrizes de sensibilidade”, que não são apenas lidos, “[...] mas cheirados, tocados, vistos, jogados e também destruídos”, (SOUSA, 2009, p.79)

Continuando com o processo de reciclagem das folhas, o conteúdo batido no liquidificador foi peneirado, e deixado para secar sob o vento e o sol. Neste processo passei por algumas dificuldades quanto à espessura das folhas, pois ficavam muito finas ou grossas. A partir das testagens, fui dosando e utilizando uma esponja para auxiliar na secagem e uniformização do papel.

Após os papéis secos, selecionei outros papéis diversificados, como o papel manteiga, sulfite e Canson para aquarela, a fim de trazer novas texturas, transparências e possibilidades de resultados.



Fig. 3. Processo de secagem do papel reciclado. 2022

Dobrei estas folhas ao meio e fiz furos nas pontas e centro das dobras, costurando-as umas às outras com uma linha de algodão vermelha. Para fazer a capa, pinte o tecido de algodão cru, utilizando nanquim e tinta acrílica, misturados à água. Criando diversas manchas, o tecido foi colado sobre o papel paraná, e, ao fim da encadernação, cole a capa ao miolo, concluindo o corpo do livro.

1.2. O livro no seu interior: anotações e rascunhos

Refletindo sobre minhas inspirações, cito diversos tipos de livros com conceitos e propósitos diferentes, nos quais, vejo algumas semelhanças com o livro de artista que confeccionei. Ao longo do curso de Artes Visuais, cataloguei em diários minhas vivências, e iniciei a prática de relatar e ilustrar sonhos, sentimentos, estudos e acontecimentos, transcrevi frases, poemas e criei listas.

Nos anos de 2020 e 2021, obtive a *Mandala Lunar* criada por Ieve Holthausen e Naíla Andrade, que de acordo com sua descrição, ”[...] é um diário com o propósito de facilitar uma maior conexão com nosso corpo e também com a terra e os ciclos naturais, resgatando e unindo conhecimentos tradicionais e contemporâneos [...].” (MANDALA LUNAR, [s.d.]).

A *Mandala Lunar* é um livro de escrita diária, que conta com diversos textos informativos, seguindo o calendário solar e lunar.

Além de escrever o que estava habituada, passei a marcar meus ciclos menstruais, as fases da lua e as tiragens diárias de tarô. Utilizar a *Mandala Lunar*, me movimentou a fazer um maior exercício de percepção e conexão do corpo que habito com a natureza, onde inúmeros comportamentos e sentimentos se repetiam de ciclo para ciclo, ou haviam surgido mudanças no meu cotidiano

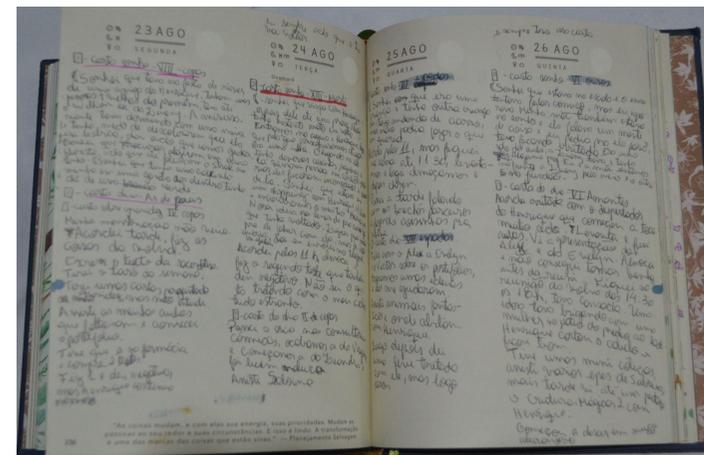


Fig. 4. Ieve Holthausen; Naíla Andrade. 'Mandala Lunar'. 2021

que desencadearam novos comportamentos, que só foram percebidos através desses diários.

Outro conceito de livro, é o grimório, também conhecido como livro das sombras, o qual é escrito e ilustrado, cuja uso é manter e repassar ensinamentos ocultos, desenvolvidos ao longo dos séculos, muitos dos quais se tornaram os livros de escolha para bruxas, sociedades secretas e organizações ocultas. Foi popular na Idade Medieval e Renascença e, atualmente, comunidades bruxas continuam influenciando novos aprendizes a criarem seus próprios grimórios, desde sua confecção e os utilizando como um diário de estudos.

De acordo com a ocultista Lady Sabrina:

Um livro das sombras, como qualquer diário, é uma coletânea de emoções sobre secar ervas, observar transições lunares, além de instruções para lançar encantamentos. A maior parte dele é um acúmulo de práticas mágicas. (SABRINA, 2011, p.113)

Enquanto isso, os herbários foram criados a partir da necessidade de arquivar e estudar plantas com desenhos, escrita e amostras de plantas secas, com a possibilidade de obter informação sobre a biodiversidade de um ambiente. Neste trabalho, pratico o ato de guardar no meio de livros, folhas e flores, como uma forma de recordação.

A partir dos conceitos aqui descritos, utilizo os conceitos grimório e herbário ao diário, como a *Mandala Lunar*, como uma forma de incluir um pouco de cada um. Com a forma externa do livro concluída, me debrucei sobre seu conteúdo interno.

Pensando em todos os meus diários, cadernos de rascunhos e anotações rápidas citados neste capítulo, decidi preenchê-lo de forma espontânea, com intervenções, contos a respeito dos sonhos, desenhos, aquarelas e pedaços da natureza que eu encontrava em meu caminho como folhas e insetos mortos.



Fig. 5. Milena Castro. 'Sem título'. 2022
Papéis, tecido, linha, folha e flores. 12 x 17 cm

Destaco o livro *O diário de Frida Kahlo: Um autorretrato íntimo*, que contém a cópia completa do diário da artista Frida Kahlo, onde podemos observar desenhos despreocupados, escritos soltos, manifestando a auto-expressão de Kahlo, seus amores, sofrimentos físicos e emocionais, seus pensamentos, confissões, escolhas políticas, anotações íntimas de experiências vividas pela artista em seu cotidiano.

Desenvolvi o livro ao longo de todo o processo de criação desta pesquisa, com o intuito de expressar o que vejo, sinto e vivo como importante. Folheando as páginas podemos encontrar manchas e ilustrações que retratam plantas, sonhos e símbolos conhecidos, uma das principais técnicas é a aguada, sem grande preocupação ou complexidade. Alguns escritos contendo sonhos, e páginas com folhas e flores secas e insetos mortos todos encontrados pelos meus caminhos.

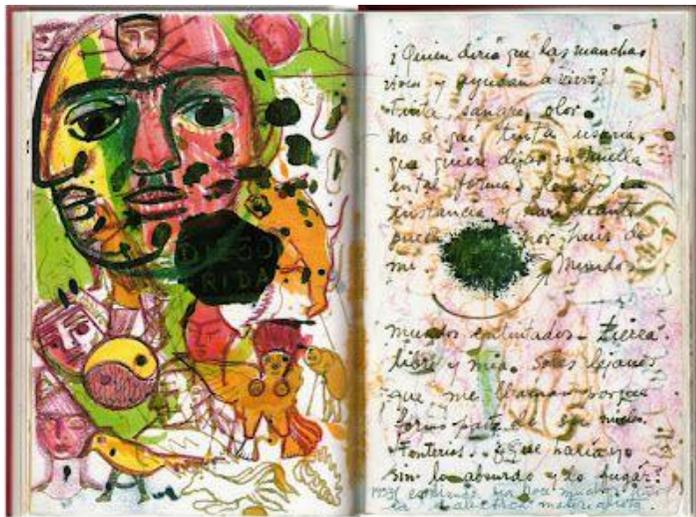


Fig. 6. Frida Kahlo. 'O diário de Frida Kahlo'. 1944 - 54
 Fonte: <https://artsandculture.google.com/story/9AWxmDksayhmJA?hl=pt-BR>

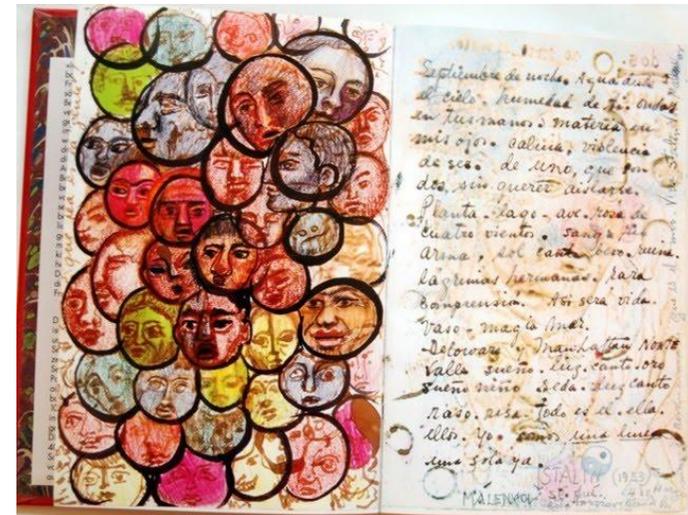


Fig. 7. Frida Kahlo. 'O diário de Frida Kahlo'. 1944 - 54
 Fonte: <https://vein.es/el-diario-de-frida-kahlo-el-arte-como-catarsis/>



Fig. 8. Milena Castro. 'Sem título'. 2022. Papéis, tecido, aquarela, nanquim, linha, folha e flores. 12 x 17 cm

[Clique aqui para acessar conteúdo desta obra.](#)

CAPÍTULO II. Vivências do Inconsciente

Neste capítulo, me aproximo das vivências dos sonhos e pesadelos, e sua importância para a humanidade. Sempre me mantive intrigada com a simbologia que transcorria nas jornadas do sonhar. Lembro-me de alguns sonhos que tive quando criança, e que me causaram tamanha curiosidade que ainda hoje não os esqueço. Ao acordar, sinto a necessidade de expressar esse sonho, seja contando para alguém ou escrevendo em diários.

O neurocientista Sidarta Ribeiro comenta sobre a importância de sonhar e sua forte relação com as emoções, gerando um complexo diálogo repleto de símbolos:

O sonho é essencial porque nos permite mergulhar profundamente nos subterrâneos da consciência. Experimentamos no transcorrer desse estado uma colcha de retalhos emocionais. Pequenos desafios, modestas derrotas e vitórias cotidianas geram um panorama onírico que reverbera as coisas mais importantes da vida, mas tende a não fazer sentido globalmente. Quando a existência flui mansa é difícil interpretar a algaravia simbólica da noite. (RIBEIRO, (sem paginação p. 19)

No livro *O oráculo da noite: A história e a ciência do sonho*, Ribeiro disserta sobre os sonhos já terem sido destaque para civilizações antigas, como para os gregos, egípcios ou para as culturas ameríndias, portando profecias oníricas que poderiam conduzir grandes populações. O inconsciente nos dias atuais, aparenta não representar grandes mudanças como nas antigas civilizações, mas ainda hoje existem crenças individuais, nas quais as pessoas apostam em números que aparecem em seus sonhos, com a esperança de ganharem sorteios, ou influenciam medo de possíveis tragédias que surgem de seus pesadelos como se fossem arautos do que pode acontecer.

Trauma, Sonho e Fuga foram as temáticas abordadas na 13ª Bienal do Mercosul, focando nos resquícios deixados pela pandemia da Covid-19. Trabalhei como mediadora das obras da Casa de Cultura Mario Quintana, mas cito aqui o trabalho que estava no Instituto Ling. A obra *Hypnopedia*, do artista Pedro Reyes, consistiu em diversas cabaças, que ficam suspensas sobre uma cama, onde o visitante é convidado a se deitar, enquanto ouve-se diversas pessoas contando seus sonhos, assemelhando-se a um grande cérebro repleto de informações de seu inconsciente. Reyes convidou a comunidade

para enviarem suas experiências do inconsciente, formando uma enciclopédia dos sonhos.

Para o psicanalista Carl Jung, no momento em que dormimos e sonhamos, nosso inconsciente se revela, e seus aspectos são naturais:

Nosso conhecimento atual do inconsciente revela que ele é um fenômeno natural e, tal como a própria natureza, pelo menos *neutro*. Nele encontramos todos os aspectos da natureza humana — a luz e a sombra, o belo e o feio, o bom e o mau, a profundidade e a tolice. (JUNG, 1964, p. 130 - 131)

Em 2018, na cadeira de Atelier de Pintura, ministrada pela docente Lilian Maus, tive o interesse de criar pinturas em tinta acrílica sobre tela de situações vividas por mim em meus sonhos. Aconselhada por Maus, peguei meus diversos cadernos e diários onde encontravam-se relatos de minhas vivências inconscientes, meus sonhos e pesadelos, selecionei alguns com elementos que me proporcionaram pinturas que despertaram um ambiente de mistério, e que acabaram me marcando de alguma forma. São em sua maioria sonhos recentes, mas outra parte deles foram sonhados há muitos anos.



Fig. 9. Pedro Reyes. 'Hypnopedia'. 2022.

Fonte: <https://artebrasileiros.com.br/arte/bienais/13-bienal-do-mercosul/>

Iniciei as pinturas em grandes escalas, testando outras possibilidades, e percebi como a série *Vivências do inconsciente* combinava com telas em tamanhos reduzidos. Outra diferença, é a importância de me incluir na retratação do sonho, pois um sonho precisa de sua sonhadora para existir. Ao início desta busca, me deparei diversas vezes com citações sobre o trabalho do psicanalista Carl Jung.

Para Jung, é de grande importância mantermos o equilíbrio entre o inconsciente e consciente, dialogarmos com a narração inconsciente dos sonhos faz com que a humanidade entenda sua própria mente, uma questão de saúde mental:

Para benefício do equilíbrio mental e mesmo da saúde fisiológica, o consciente e o inconsciente devem estar completamente interligados, a fim de que possam se mover em linhas paralelas. Se se separam um do outro ou se "dissociam", ocorrem distúrbios psicológicos. Neste particular, os símbolos oníricos são os mensageiros indispensáveis da parte instintiva da mente humana para a sua parte racional, e a sua interpretação enriquece a pobreza da nossa consciência fazendo-a compreender, novamente, a esquecida linguagem dos instintos. (JUNG, 1964, p. 59 - 61)

2.1. Mulheres no Surrealismo

A questão dos sonhos foi muito investigada e debatida na arte, sendo o movimento surrealista o que mais abordou a temática. No Surrealismo, o inconsciente é posto contra os pensamentos de



Fig. 10. Leonora Carrington. 'La Posada del Caballo del Alba'. 1938. Óleo sobre tela. 63 x 81,3 cm

Fonte: <https://www.metmuseum.org/pt/art/collection/search/492697>

quando estamos acordados. Inspirado nos estudos de Freud, o movimento concordava que por meio dos sonhos teríamos entrada para o inconsciente, e que este apresentaria um maior poder criativo do que podemos acessar pela racionalidade, quando nos encontramos despertos.

Apesar do Surrealismo ser um movimento inovador, as artistas surrealistas foram quase totalmente esquecidas da história, enquanto os artistas homens têm seus nomes lembrados ainda hoje.

Procuro lembrar algumas das artistas mulheres autoras de obras com semelhanças dos trabalhos apresentados nesta pesquisa. Busco a visão feminina, trazendo trabalhos e representações do inconsciente de outras mulheres, que me trazem maior identificação em suas obras com os trabalhos apresentados para esta pesquisa.

Quando menciono que o Surrealismo foi um movimento inovador, quero dizer que, além de seus conceitos e ideias, o Surrealismo aceitou mulheres artistas como integrantes do movimento. Porém, essas artistas não tinham poder de opinião sobre as discussões, que ficavam a cargo dos membros masculinos do grupo. As mulheres eram tidas apenas como musas com poderes ocultos, demonstrando a visão superficial dos artistas homens que se encontravam em maior número.

Entre as artistas, destacou-se a pintora, escultora e escritora Leonora Carrington. Carrington criava novos mundos e seres fantásticos em suas obras, revelando as mais variadas simbologias ocultas conectadas ao seu interesse bastante atrelado às culturas indígenas do México, suas perspectivas oníricas, e às associações extra-sensoriais que vivenciou.

Após seu surto psicótico que a levou à internação no hospital psiquiátrico, o quadro *Autorretrato La Pousada del Caballo del Alba* mostra a artista desorientada e trancada em seu quarto ao seu lado



Fig. 11. Remedios Varo. 'Papilla Estelar'. 1958.
Óleo sobre masonite. 92 x 62 cm
Fonte: <https://historia-arte.com/obras/papilla-estelar>

uma hiena lactante e um cavalo de balanço. A janela aberta mostra uma floresta e um cavalo branco correndo, simbolizando o desejo de liberdade.

A artista rejeitou o título de musa, e, até o fim de sua vida, firmou sua opinião quanto à liberdade de expressão das mulheres, como apresenta em seu relato sobre o grupo Surrealista:

Eram um grupo essencialmente de homens, que tratavam as mulheres como musas. Isso era bastante humilhante. Por isso, não quero que me chamem de musa de nada nem de ninguém. Jamais me considerei uma mulher-criança, como André Breton queria ver as mulheres. Nunca quis que me entendessem assim, nem tão pouco ser como os outros. Eu caí no surrealismo porque sim. Nunca perguntei se podia entrar. (CARRINGTON, 1993)

A surrealista Remedios Varo explorou a fantasia, a ciência e o misticismo em suas pinturas, criando muitos personagens andróginos e algumas figuras femininas que escapam da objetificação dos artistas homens. Entre elas, magas, bruxas, alquimistas e astrólogas em atmosferas repletas de signos, demonstrando seu apreço pela magia e pela literatura em seus trabalhos. Na pintura *Papilla Estelar*, Remedios Varo retrata uma figura feminina enclausurada em uma torre alimentando uma lua enjaulada com pó feito de estrelas.



Fig. 12. Frida Kahlo. 'El sueño o La cama voladora', 1940.
Óleo sobre tela 73 x 98 cm
Fonte: <https://www.kahlo.org/es/el-sueno/>

Em conjunto com a artista Leonora, Remedios Varo fez parcerias artísticas, criando receitas enigmáticas e surrealistas com o objetivo de produzir sonhos eróticos e curar a insônia. Historicamente, as duas artistas visitavam livrarias ocultistas com o objetivo de complementarem suas pesquisas.

A artista mexicana Frida Kahlo não se considerava uma surrealista, alegando que suas obras retratavam sua vida e realidade: “[...] o único que sei, é que pinto porque preciso, e pinto o que me acontece, sem mais considerações” (KAHLO). Cito-a, pois diversos

artistas e pesquisadores como o escritor e poeta André Breton a identificaram como integrante do movimento surrealista.

As obras de Frida Kahlo apresentam uma atmosfera onírica, onde parecem se passar dentro de sonhos, nos quais a artista expressa a variedade dos seus sentimentos.

Entre tantas pinturas de Frida, escolhi *El sueño o La cama voladora*, onde a artista se retrata dormindo em uma cama que parece flutuar, plantas crescem sob Frida, e um esqueleto encontra-se deitado na parte de cima da cama. Nesta obra a artista dialoga sobre o sono, o sonho e a morte.

Na pintura *Paralisia do sono*, me retrato deitada dormindo em uma cama, enquanto um demônio segura meu cabelo. Em ambos os trabalhos, é possível observar uma ambientação que poderia ser tranquila, se não fosse o elemento de estranheza, referente ao esqueleto na pintura de Frida e o demônio na minha.

Para a série de pinturas *Vivências do inconsciente*, observo os diversos pontos onde as obras se relacionam com a das artistas citadas, como a aproximação visual, inserindo sempre algum tipo de simbologia.

2.2. Relatos sobre o místico nas pinturas

Explorando o processo de criação das pinturas e a potência fantasiosa e mística das composições dos sonhos, me guiei pela intuição e imaginação, apresentando simbologias que somavam significados às obras - o que é capaz de gerar um ambiente místico aos trabalhos. Essas simbologias partem de estudos nos quais me aprofundei, como o tarô, astrologia, elementos naturais e lendas.



Fig. 13. Henry Fuseli. 'The nightmare'. 1781. Óleo sobre tela. 101,6 cm x 127 cm

Fonte:

<https://artsandculture.google.com/asset/the-nightmare-henry-fuseli/IwFwTbrht4QzgA>

A pintura *Paralisia do sono* foi a primeira da série de *Vivências do inconsciente*, onde retratei a primeira vez que sofri o distúrbio da paralisia do sono, situação na qual a pessoa encontra-se consciente, mas não consegue movimentar o corpo enquanto pode sofrer com alucinações.



Fig. 14. Milena Castro. '*Paralisia do sono*'. 2018. Acrílica sobre tela. 40 x 30 cm

Neste episódio, encontrei-me em meu quarto, deitada na cama, e, quando tentava me mover, algo me segurava e falava em meu ouvido esquerdo, puxando-me, me impedindo de levantar da cama. Esse foi o primeiro, totalizando quatro episódios no intervalo de um ano, muito semelhantes entre si.

Meu sentimento sempre foi de medo e fascínio, me aproximando do que parecia ser uma vivência sobrenatural. A partir de pesquisas, cheguei a lenda do incubo, que, de acordo com a *Encyclopaedia Britannica*, é um demônio em forma masculina que busca ter relações sexuais com mulheres adormecidas, chegando a se sentar sobre o seu peito, impedindo movimentos e provocando pesadelos. Na Europa medieval, acreditava-se que a relação com um incubo resultava no nascimento de bruxas e demônios. Para o quadro *Paralisia do sono*, utilizando cores vibrantes, pintei meu quarto, onde encontro-me deitada em sono profundo, e ao meu lado está o demônio incubos.

Além da lenda do incubo, a pintura faz referência a obra *The nightmare* do artista Henry Fuseli, onde uma mulher encontra-se adormecida e sob sua barriga o incubo. Fuseli compõe uma ambientação onírica, através dos elementos e escolha de cores claras e escuras.



Fig. 15. Milena Castro. 'Esconde-esconde'. Série 'Vivências do Inconsciente'. 2022. Acrílica sobre tela. 20 x 30 cm

Mais tarde, pintei *Esconde-esconde*, na qual escolhi um sonho que tive quando ainda era criança, onde brincava de esconde-esconde no terreno de meus primos à noite e me escondia atrás de uma árvore, para não ser encontrada pelas outras crianças. Após estar escondida, percebi que a árvore encontrava-se repleta de cobras. Continuei ali escondida, sem sentir medo das serpentes.

Para o processo de realização da pintura, fiz o fundo utilizando tinta acrílica diluída em água. Para criar o efeito de manchas no céu, tive uma certa dificuldade, realizando diversas camadas da tinta diluída até encontrar o efeito que buscava. Para me retratar ainda criança, busquei por fotos antigas, reproduzindo também as roupas que vestia na época. Como não me lembrava com exatidão das formas das cobras, utilizei referências de fotografias dos animais. Me preocupei em deixar a lua cheia o mais brilhante e intensa possível, sendo a luz da representação.

Na pintura, em meio à grama, a criança se abaixa, em suas costas uma árvore repleta de cobras, no céu a lua cheia ilumina a composição noturna.

A terceira pintura, intitulada de *A Ferida*, surgiu de um sonho mais recente, se comparada às outras. No sonho, estava no

pátio da casa de minha tia avó, junto dela e de minha mãe, enquanto elas entravam dentro da casa, visualizei uma grande serpente saindo do que parecia ser um viveiro. Ao sair, a cobra avança em minha direção. Sinto medo, enquanto procuro desviar de seus ataques, pois o animal, com a ponta de seu rabo cortante, me atinge cortando

minha pele, me faz sentir dor, quando desperto do sonho com cólicas na região ferida em sonho.

Para a realização da pintura, inseri a lua minguante como um elemento simbólico, representando um momento de menor força e uma necessidade de recolhimento. As roseiras ao fundo são flores



Fig. 16. Milena Castro. 'Ferida'. Série 'Vivências do Inconsciente'. 2022. Acrílica sobre tela. 30 x 20 cm

que representam a minha tia avó Vanda, que faleceu em 2012. Ela tinha grandes plantações de rosas, as quais muito explorei quando criança; a porta vermelha seria a abertura que o animal encontrou para sair de seu viveiro.

Em *A Ferida*, represento-me com os pés descalços, de frente para a serpente, a olhando fixamente sob um olhar despreocupado, enquanto aponto meu dedo indicador para o animal, a outra mão segura o ferimento sangrando, a cobra encontra-se com o olhar sob minha direção, e a ponta de seu corpo enrosca sob minha perna.

O último trabalho da série *Vivências inconscientes*, é a pintura *Chá da tarde II*. No sonho que inspirou o trabalho, lembro de estar sentada tomando chá, enquanto uma árvore também sentada, conversava comigo.

A composição e escolha de cores foram pensadas com a intenção de representar uma situação de estranhamento, mas que ao mesmo tempo trouxesse um sentimento de conforto. Além dos elementos descritos, o quadro na parede, faz referência a pintura *Casal na porteira*, do artista Toshizo Nakane.

O quadro remete-me ao sentimento de nostalgia e acolhimento, onde havia uma réplica do quadro na casa de meu avô. A obra *Chá da tarde II*, foi a segunda pensada sobre o mesmo sonho,



Fig. 17. Toshizo Nakane. '*Casal na Porteira*'.
Óleo sobre tela.

Fonte:
<https://www.galpaodosleiloes.lel.br/peca.asp?Id=15079742>

Chá da tarde foi pintada em 2018, onde trabalhava em uma escala maior e não me retratava, suas cores criavam uma atmosfera mais sombria para a obra.



Fig. 18. Milena Castro. *'Chá da tarde'*.
2018. Acrílico sobre tela. 65 x 67 cm



Fig. 19. Milena Castro. *'Chá da tarde II'*. Série *'Vivências do Inconsciente'*. 2022. Acrílico sobre tela. 20 x 30 cm

CAPÍTULO III. A natureza e a magia

Na Idade Média, a vida nos feudos garantiu a aproximação com a terra, e uma experiência vinculada aos elementos naturais. A manipulação das plantas e a observação das fases das estações eram comemoradas e muito familiares para as pessoas, principalmente para as mulheres. Posteriormente, a Igreja qualificou esses conhecimentos à bruxaria e magia, onde podemos entender que:

O substrato mágico formava parte de uma concepção animista da natureza que não admitia nenhuma separação entre a matéria e o espírito, e deste modo imaginava o cosmo como um organismo vivo, povoado de forças ocultas, onde cada elemento estava em relação “favorável” com o resto. De acordo com esta perspectiva, na qual a natureza é vista como um universo de signos e sinais marcados por afinidades invisíveis que tinham que ser decifradas (FOUCAULT, 1970, p. 26-7)

Portanto, através da magia a humanidade seria capaz de relacionar-se e dominar a natureza, que era entendida como um coletivo vivo, um todo. Com o passar do tempo, as ideias da religião cristã se popularizaram, e a magia passou a ser condenada.

A filósofa Silvia Federici comenta sobre a manipulação da natureza entre diferentes práticas mágicas:

[...] cada elemento - as ervas, as plantas, os metais e a maior parte do corpo humano - escondia virtudes e poderes que lhe eram peculiares. É por isso que existia uma variedade de práticas desenhadas para se apropriar dos segredos da natureza e torcer seus poderes de acordo com a vontade humana. Desde a quiromancia até a adivinhação, desde o uso de feitiços até a cura receptiva, a magia abria uma grande quantidade de possibilidades. (FEDERICI, 2004, p. 256)

Ao passo, que a humanidade caminha em direção ao pensamento lógico, conhecimentos científicos e tecnológicos, no entanto, fazem com que a humanidade se separe cada vez mais da natureza e de sua parte selvagem, das interpretações de símbolos e fenômenos naturais que em outros tempos traziam sentido à vida. Nos encontramos cada vez mais distantes e desconectados à

natureza, em um sentimento de solidão e falta de sentido no mundo, perdendo parte das crenças mágicas, como de acordo com Carl Jung:

À medida que aumenta o conhecimento científico diminui o grau de humanização do nosso mundo. O homem sente-se isolado no cosmos porque, já não estando envolvido com a natureza, perdeu a sua "identificação emocional inconsciente" com os fenômenos naturais. E os fenômenos naturais, por sua vez, perderam aos poucos as suas implicações simbólicas. (JUNG, 1964, p. 120)

Dando seguimento a esta pesquisa, senti a necessidade de trabalhar na série *Naturezas aguadas* de aquarelas feitas em tamanhos grandes, que dialogassem com a natureza em minha volta. Trazendo o que me motiva a criar e explorar como plantas e animais, que encontro em meu cotidiano, os observando e representando de uma forma que os coloque como destaque.

3.1. A aguada e suas manchas

Quando trabalho com a intuição, busco compreender e justificar os impulsos que me levam a criar imagens, independente

do material utilizado, assemelhando-se à tentativa de decifrar mensagens oníricas. Nos trabalhos da série *Naturezas aguadas*, retratei elementos da natureza que me faziam enxergar além de seu habitual.

Antes de discorrer sobre o processo artístico de criação e realização, preciso dizer que não foram apenas os animais e plantas que me impulsionaram para a criação desta série, mas o elemento água e suas possibilidades em conjunto com a poética da aquarela.

No ano de 2018, na cadeira Atelier de Desenho, com o professor e artista Flávio Gonçalves, desenvolvi trabalhos utilizando o nanquim aguado, trabalhando a representação de insetos a partir de manchas que a aguada possibilitou, muito semelhantes às manchas do *Teste de Rorschach*, desenvolvido pelo psicanalista Hermann Rorschach, a fim de denominar características da personalidade da pessoa testada.

Para a série de aquarelas, trabalhei com elemento água de uma forma que fugisse parcialmente do meu controle. Onde podemos ver manchas e respingos que são resquícios do movimento da água. No processo da técnica aguada, busquei manter um certo controle, ao passo que a água transborda, invade e preenche. Ela nem sempre pode ser contida, de modo que precisei deixá-la fluir, explorando estes sentidos, aderindo a imprevisibilidade e

descontrole do processo. A técnica, assemelha-se a falta de controle, assim como ocorre nas mensagens do inconsciente.

Procuro deixar as manchas se formarem na composição do trabalho, de modo que essas manchas sejam capazes de sugerir novas imagens e significados à obra, onde pessoas diferentes possam ver novos elementos, impensados. De acordo com Jung,

[...] qualquer forma irregular e acidental é capaz de desencadear um processo associativo. Leonardo da Vinci escreveu no seu Caderno de Notas: "Não deve ser difícil a você parar algumas vezes para olhar as manchas de uma parede, ou as cinzas de uma fogueira, ou as nuvens, a lama e outras coisas no gênero nas quais (...) vai encontrar ideias verdadeiramente maravilhosas." (JUNG, 1964, p. 27)



Fig. 20. Milena Castro. *Sem título*.
2018. Nanquim sobre papel. 66 x 96 cm



Fig. 21. Hermann Rorschach. '*Teste de Rorschach*'.
Fonte:
<https://darkside.blog.br/quem-foi-hermann-rorschach-que-desenvolveu-o-teste-de-mancha-de-tinta/>

A primeira aquarela foi *Flamboiã*, trabalho feito a partir da observação da árvore flamboiã, que é uma planta de origem africana. A árvore retratada, fica no pátio de minha casa, onde o explorei, até sentir o que seria retratado.

No processo artístico, passei por dificuldades ao trabalhar com uma folha de 153 cm por 200 cm, e utilizando a aquarela, onde é necessário manter a folha na posição horizontal, para a água não escorrer sob o papel. Como eu queria trabalhar a partir da observação da natureza, criei uma versão do trabalho em um tamanho menor, de 21 cm por 29,7 cm, em meio às plantas, passarinhos e insetos, pintei o trabalho. Mais tarde, dentro do meu quarto e atelier, utilizando a primeira versão da aquarela, para criar o trabalho de escala maior, realizei marcações horizontais e verticais na folha, essas marcações tinham o propósito de me guiar pelo desenho. Ao fim do esboço feito em lápis grafite, preciso acrescentar água à folha. O processo de aquarelar consiste em pintar camadas, sobre camadas de aquarela, aguardo, esperando a folha secar e formando novas manchas. O processo artístico de ir até a planta, contemplá-la e assim representá-la, lembra-me o trabalho da artista e ativista ambiental Margaret Mee, onde andava pela floresta ilustrando plantas raras. A ilustradora tinha uma grande consciência sobre a vida da floresta e um trabalho de contemplação da natureza.

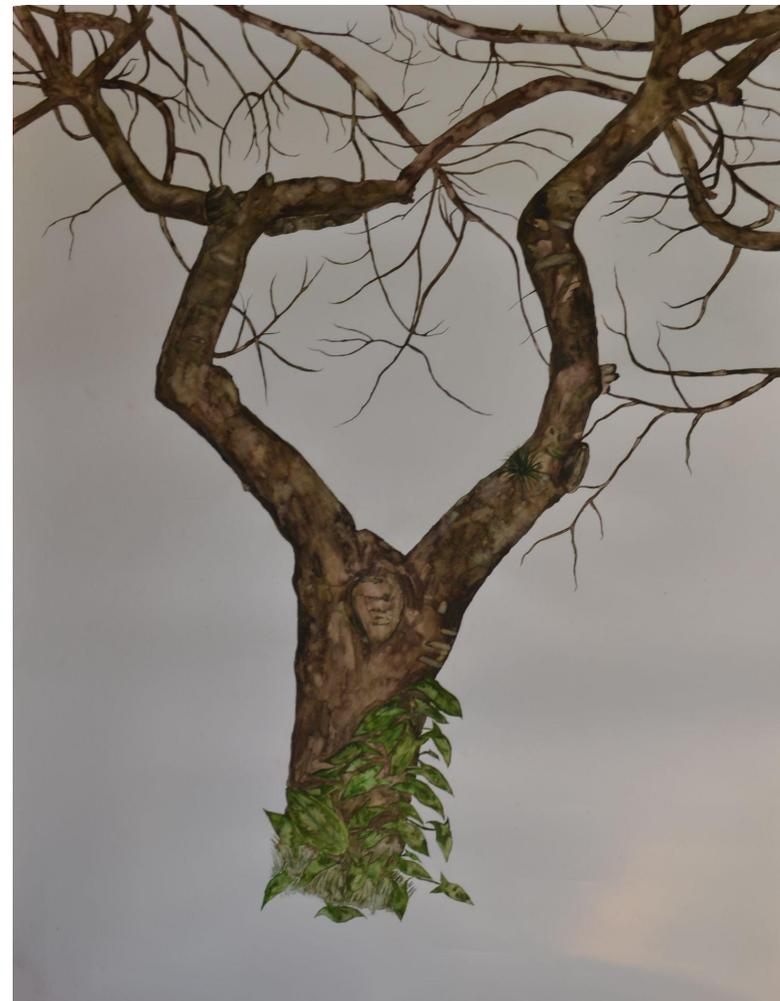


Fig. 22. Milena Castro. Série: '*Naturezas aguadas*'. '*Flamboiã*'. 2022.
Aquarela sobre papel. 200 x 153 cm

Uma citação do diário de Mee mostra o deslumbramento com que observava a natureza:

Entramos na floresta sozinhas, seduzidas por um campo de plantas maravilhosas: pontas brilhantes e vermelhas de *Heliconia glauca* [...] e a bela orquídea *Gongora maculata*, com sua longa inflorescência e seu poderoso perfume aromático, equivalente a centenas de lírios. (MEE, [s.d.])

Voltando ao desenvolvimento da série, *Capuchinha* foi o segundo trabalho em aquarela, a planta capuchinha é bem comum e conhecida por ser comestível, e além disso, tem flores com cores bem vibrantes. Diferente do processo de *Flamboiã*, como estava trabalhando com uma planta menor, resolvi colher algumas de suas flores e folhas, do pátio de minha casa, para trabalhá-la em meu quarto, onde fiz apenas a versão grande da obra. Ao aquarelar, o processo é bem semelhante ao do trabalho anterior.

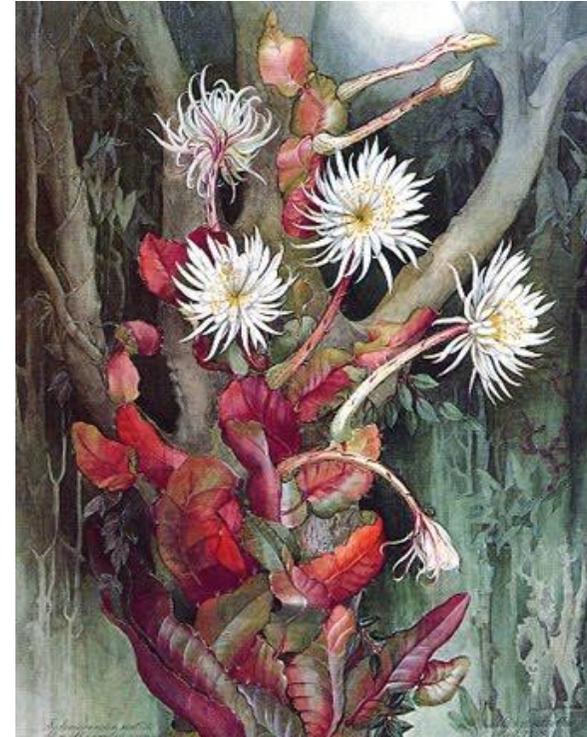


Figura. 23. Margaret Mee. 'Flor da lua'. Aquarela sobre papel.
Fonte: <https://johnryle.com/?article=margaret-mee-and-the-moonflower>

Para proporcionar o efeito das manchas com mais facilidade, fiz uso de um borrifador com água, fazendo as camadas, até me sentir satisfeita com o trabalho. Neste processo passei noites pintando, trocando meus horários, pois sempre preferi produzir à noite, em meio ao silêncio posso escutar melhor meus pensamentos.



Fig. 24. Milena Castro. '*Libélula*'. 2019

Aquarela sobre papel. 29,7 x 42 cm



Fig. 25. Milena Castro. Série: '*Naturezas agudadas*'. '*Capuchinha*'. 2022

Aquarela sobre papel. 180 x 153 cm

Na obra *Mangangava*, voltei aos trabalhos representando insetos. Em 2019, na cadeira de Aquarela, ministrada pela docente Laura Castilhos, apresentei várias aquarelas pintando insetos, utilizando cores e formas distintas da realidade, onde os animais existiam apenas nos trabalhos. Para *Mangangava*, utilizei como

referência o corpo do inseto mangangava, encontrado sem vida, nas escadarias da Casa de Cultura Mario Quintana, onde trabalhava como mediadora. Minha escolha de aquarelar o inseto, surge do fascínio pelas suas formas e cores.



Fig. 26. Milena Castro. Série: '*Naturezas aguadas*'. '*Mangangava*'. 2022.

Aquarela sobre papel. 153 x 180 cm

Finalizando os trabalhos desta série, criei a aquarela *Bruxa*, feita a partir de uma mariposa morta, encontrada em meu quarto. Curioso em como os acontecimentos vão se conectando, servindo de simbologia para o processo artístico. Pesquisando sobre o nome do

inseto, descobro que popularmente esta espécie é chamada de bruxa, por ter sua coloração escura. Precisei retratá-la, visualizando-a como um fechamento da série *Naturezas aguadas*.



Fig. 27. Milena Castro. Série: '*Naturezas aguadas*'. '*Bruxa*'. 2023. Aquarela sobre papel. 105 x 153 cm

CONCLUSÃO

Visualizar o fluxo de investigações de minha produção artística, que buscou desenvolver e analisar através de diferentes olhares, que me trouxeram a possibilidade de aprofundar as temáticas e conhecer artistas e pesquisadores de diversas áreas, discursando sobre os temas retratados aqui, é enriquecedor.

No entanto, preciso ser sincera e dizer que para esta monografia, mesmo que eu escreva minha conclusão sobre a pesquisa, vejo-a em estado de crescimento e aprimoramento, que como uma planta necessita ser aparada na lua crescente, para poder se desenvolver melhor. Ao início da realização deste trabalho, me encontrava em um processo de criação onde os assuntos pareciam desconectados uns aos outros, mas, ao escrever e desenvolver sua parte textual, as ideias foram se encaixando como um quebra cabeça, onde o início é sempre o mais difícil, ao passo que, no final, as partes ligam-se e formam um todo que faz sentido. Acredito que o trabalho se beneficiaria imensamente com sua exposição ao público, na medida em que minhas considerações cresceriam em conjunto.

A simples vivência de despejar sobre o papel ou tela, as ideias pensadas, ou a narração de sonhos, fazem com que eu organize e elabore os processos artísticos, conseguindo perceber as conexões entre os mais diversos trabalhos e temáticas. Em seu corpo completo, os trabalhos dissertam e descrevem expressões do eu: meu inconsciente, sentimentos, significados, memórias e opiniões, onde, como autora, consigo ver-me através deles. Sobre os questionamentos que movem esta pesquisa, através da história e de pesquisadores, fica claro como a humanidade se separa progressivamente da natureza, e, como predominantemente a mulher foi quem mais se conectou, busquei como pesquisadora e artista reviver as raízes e laços com este lado selvagem, inconsciente e mágico.

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, Brooks; RUSSELL, Jeffrey B. **História da Bruxaria: Feiticeiras, hereges e pagãos**. Editora Goya, 2019.

ARCQ, Teresa. **Frida Kahlo : conexões entre mulheres surrealistas no México**. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2015.

CARRINGTON, Leonora. Entrevista ao jornal El País, 1993. Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/08/18/culturaipilon/noticia/afinal-quem-foi-a-rebelde-do-surrealismo-leonora-carrington-1782467>. Acesso em: 15/03/ 2023.

Encyclopedia Britannica. Incubus. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20210127023002/https://www.britannica.com/topic/incubus> Acesso em: 15/03/ 2023.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos : mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio De Janeiro, Rocco, 2018.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Editora Elefante, 2004.

JUNG, Carl; HENDERSON, Joseph; FRANZ, Marie-Louise von; JAFFÉ, Anielia; JACOBI, Jolante; FREEMAN, John; PINHO, Maria. **O Homem e seus Símbolos**. Editora Harder Collins. Rio de Janeiro, 1964.

KAHLO, Frida; LOWE, Sarah. M. **El diario de Frida Kahlo un íntimo autorretrato**. Barcelona: Norma, 1995. (Obra original publicada em 1954).

KRAMER, Heinrich ; SPRENGER, James, **O Martelo das Feiticeiras**. Editora Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 2004.

MEE, Margaret. Mee: A Flor da Lua. Primavera home garden, [s.d.]. Disponível em: <https://www.primaveragarden.com.br/mee-a-flor-da-lua/>
Acesso em: 18/03/2023.

The Metropolitan Museum of Art. **Autorretrato**. Nova Iorque. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/pt/art/collection/search/492697>
Acesso em: 10/03/2023.

NONAKA, Masayo. **Remedios Varo: los años en Mexico**. Editorial RM, México, 2012.

PARRAMÓN, José. **The Big Book of Watercolor**. Watson Guptill Publications. Nova York, 1985.

PLAZA, Julio. **O livro como forma de arte (I)**. Arte em São Paulo, São Paulo, n. 6,abr. 1982.

RAVENHEART, Oberon Zell. **Grimorio para Aprendiz de Feiticeiro**. Madras, 2017.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite: A história e a ciência do sonho**. Companhia das Letras, 2019.

SABRINA, Lady. **O Grande Livro de Magia da Bruxa**. Madras, 2007.

SCHANNER, Irmgard. **O desenho botânico como forma de expressão artística na obra de Margaret Mee**. UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.
Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/6172/1/455976.pdf> Acesso em: 08/03/2023.

SILVEIRA, Paulo. **A Página Violada: Da ternura à injúria na construção do livro de artista**. UFRGS, Porto Alegre, 2008.

SOUSA, Márcia. **O livro de artista como lugar tátil.** Santa Catarina, 2009. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-130041/o-livro-de-artista-como-lugar-tatil>. Acesso em: 14/01/2023.

ZORDAN, Paola. **Bruxas: Figuras de poder.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X200500020007/7827>. Acesso em: 02/02/ 2023.

ANEXO

As páginas que seguem se tratam do anexo, o qual contém imagens capturadas durante a defesa da dissertação referente ao Trabalho de Conclusão de Curso no dia 10 de abril de 2023 na presença das professoras Jéssica Becker, Laura Castilhos e Lilian Maus e convidados na Pinacoteca Barão do Santo Ângelo no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Todas as obras contidas neste anexo são de minha autoria, bem como foram devidamente referendadas no escopo deste trabalho.

